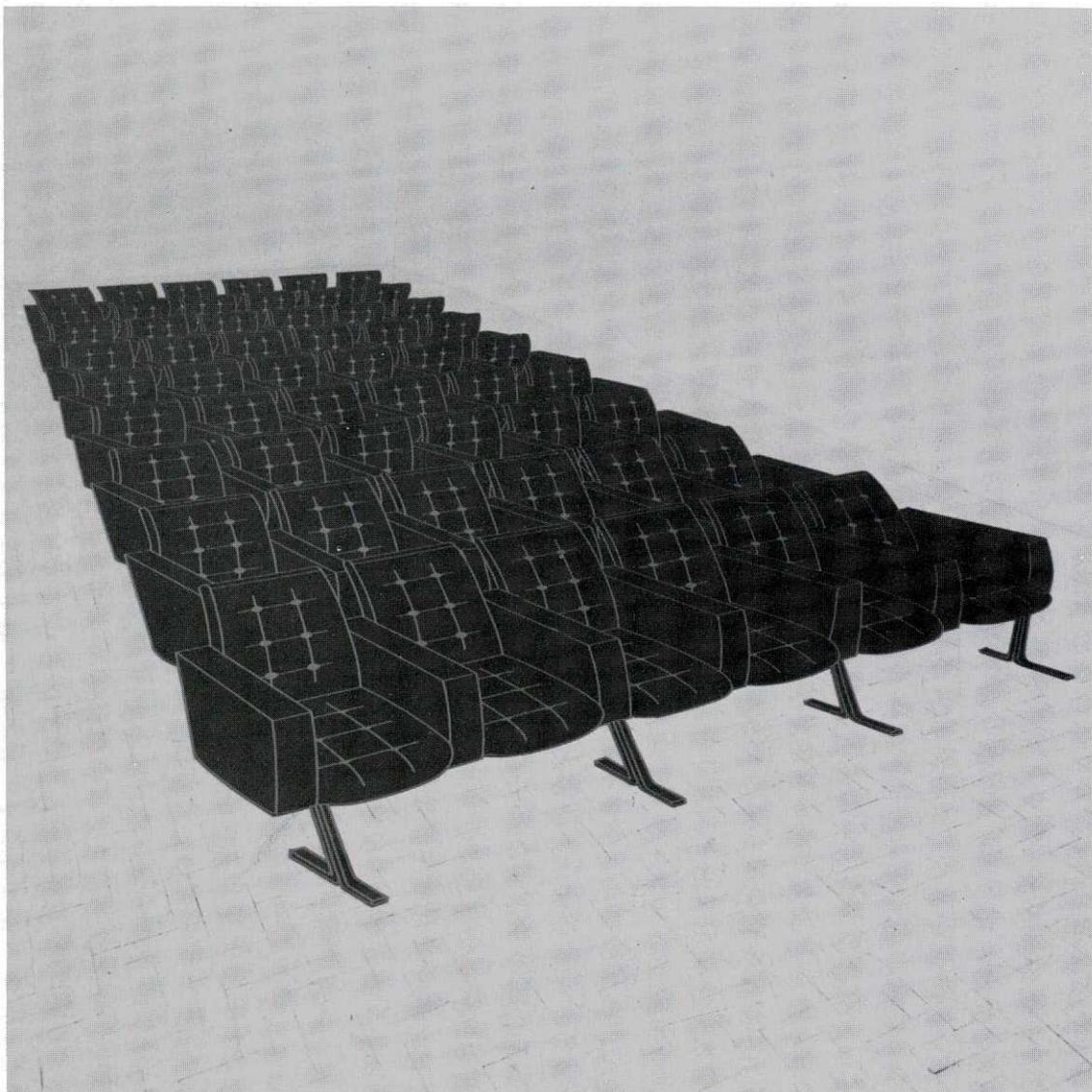


# Regina Silveira

“AUDITORIUM II” – 1991 – instalação – pintura em poliestireno



## REGINA SILVEIRA OU O CHOQUE DO NOVO

Regina Silveira é a artista plástica de maior projeção internacional que o Rio Grande do Sul possui. Outros, como Iberê Camargo, tiveram o reconhecimento unânime no País, mas – infelizmente – jamais chegaram a expor de modo constante em espaços de prestígio no exterior.

A artista colhe esse fruto na plena maturidade de sua poética visual e como resultado de um cultivo muito especial. Na vida e na arte, recusa fronteiras rígidas. Em qualquer latitude que esteja, não compactua com o cerceamento dos horizontes nem com o medo do desconhecido.

Nessa trajetória sempre ascendente, por vezes atingiu paragens tão distantes que, na volta, era difícil reconhecê-la. Foi assim, por exemplo, em 1966. Depois de realizar, no MARGS, uma festejada exposição de pinturas abstratas – de fatura situada dentro da melhor tradição de seus mestres Ado Malagoli e Iberê Camargo, ela viaja à Europa. No retorno do período de estudos, a pintora não existia mais. Tinha dado lugar à autora de objetos geométrico-construtivos.

Mais tarde, em 1978, já radicada em São Paulo, realiza retrospectiva da obra gráfica na Pinacoteca do Instituto de Artes da UFRGS. Volta a chocar, desta vez os cultores da ortodoxia da gravura. Suas pesquisas tinham explodido as categorias estanques das técnicas de gravação e adotado, com absoluto frescor e liberdade, uma gama de multimeios. Novos retornos – como a individual em 1984, no MARGS – fundam, afinal, um diálogo de recepção mais afinada com o caráter mutante e subversivo da artista.

Nunca faltou a Regina Silveira a coragem para reinventar-se. Também nunca lhe faltou uma poderosa coerência, sempre a empurrá-la para o coração da vanguarda.

Nesta exposição, Regina Silveira novamente surpreende. Agora, os que acreditam que sua produção interessa apenas aos iniciados no culto à arte conceitual. Na rica tessitura de idéias que propõe e dentro de seu vocabulário característico, a artista traz também o produto da observação atenta (e irônica) dos jogos de poder. É dessa vertente política – presença constante em sua obra – uma das principais peças da mostra: Meeting (Encuentro). As demais, além de desvendarem o processo criativo da artista (Desenhos Preparatórios), exemplificam algumas das suas mais recentes investigações.

Angélica de Moraes  
São Paulo, abril de 1995.

## CURRÍCULO

### REGINA SILVEIRA

Porto Alegre, Brasil, 1939.

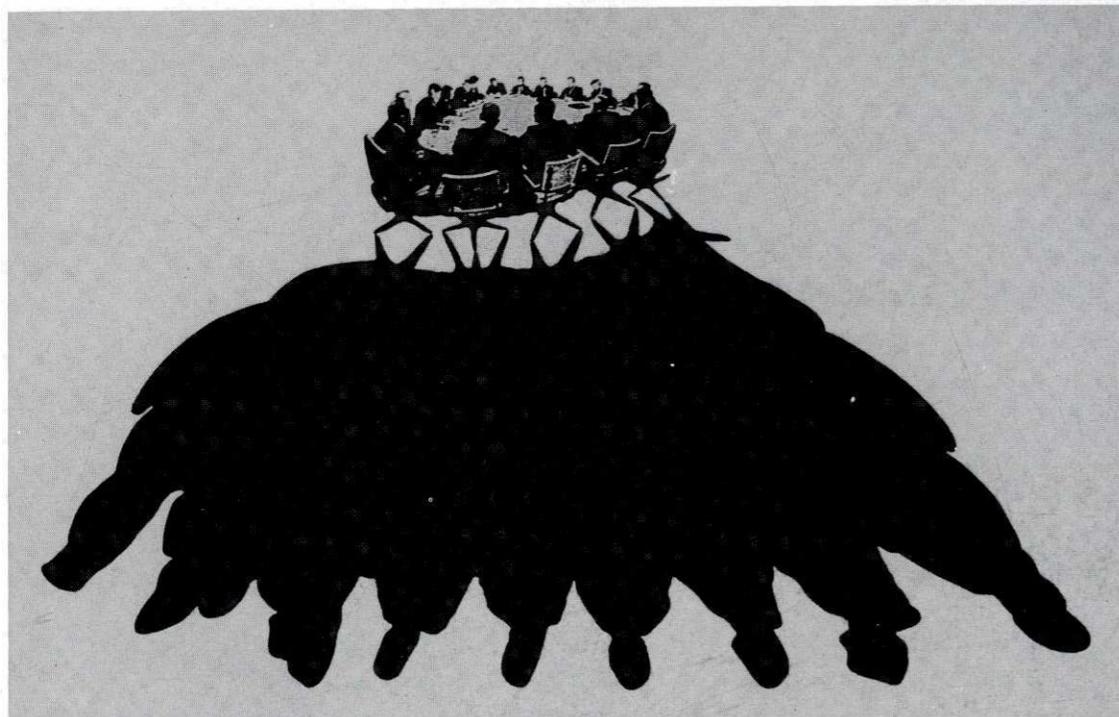
FORMAÇÃO – Doutorado – Escola de Comunicação e Artes, USP, São Paulo (1984). Mestrado – Escola de Comunicação e Artes, USP, São Paulo (1980). Bacharelado – Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre (1959).

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS RECENTES (SELEÇÃO) – “Mapping the Shadows”, LedisFlam Gallery, New York, EUA (1995). “Expandables”, Art Gallery, Brazilian American Cultural Institute (BACI), Washington, EUA (1994). “Masterpieces (In Absentia)”, LedisFlam Gallery, New York, EUA (1993). “Encuentro”, Bass Museum, Miami, EUA (1992). “In Absentia (Stretched)”, Contemporary Currents Series, The Queens Museum of Art, New York, EUA (1992). “Simile: Office 2”, Ledis Flam Gallery, New York, EUA (1992). Galeria Luisa Strina, São Paulo, Brasil (1991, 1989, 1987). “Interiors”, Mitchell Museum, Mount Vernon, EUA (1991). “On Absence: Office Furniture”, Museum of Natural History, One American Center Building, Austin, EUA (1991). Micro Hall Art Center, Edeweicht, Alemanha (1990). Cooperativa de Actividades Artísticas Árvore, Porto, Portugal (1990). Museu de Arte Contemporânea, São Paulo, Brasil (1989, 1984, 1980). Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal (1990).

EXPOSIÇÕES COLETIVAS RECENTES (SELEÇÃO) – “Arte/Cidade: A Cidade e seus Fluxos”, São Paulo, Brasil (1994). “Recovering Popular Culture”, El Museo del Barrio, New York, EUA (1994). “Bienal Brasil Século XX”, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (1994). “Drawings: 30th Anniversary Exhibition”, Leo Castelli Gallery, New York, EUA (1993). “Ultramodern: The Art of Contemporary Brazil”, The National Museum of Women in the Arts, Washington, EUA (1993). “Imaginaciones: 16 Miradas al 92”, EXPO 92, Sevilla, Espanha (1992), International Festival, Houston, EUA (1992), Cidade do México, México (1991). “Brazilian Art Today”, Grey Art Gallery, New York, EUA (1991). “Lo Permeable del Gesto”, Madrid, Espanha (1988). “Copy Art Show”, org. Other Books & So Archive, Tolosa, Espanha (1988). “Panorama da Arte Atual Brasileira: Formas Tridimensionais”, Museu de Arte Moderna, São Paulo, Brasil (1988). “A Trama do Gosto”, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (1987). “A Nova Dimensão do Objeto”, Museu de Arte Contemporânea, São Paulo, Brasil (1986). “Couriers: Six Brazilian Artists”, Snug Harbor Cultural Center, Staten Island, EUA (1986). “Destakes da Arte Brasileira Contemporânea, São Paulo, Brasil (1985). “Tendências do Livro de Artista no Brasil”, Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil (1985). “A Xilogravura na História da Arte Brasileira”, FUNARTE, Rio de Janeiro, Brasil (1984). 17ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (1983). 6ª Bienal del Grabado Latinoamericano, San Juan, Porto Rico (1983). “Arte em Processo”, Museu de Arte Moderna, São Paulo, Brasil (1982). 4ª Bienal Americana de Artes Gráficas, Cali, Colômbia (1981). “Panorama da Arte Atual Brasileira: Desenho e Gravura”, Museu de Arte Moderna, São Paulo, Brasil (1980).

PREMIAÇÕES RECENTES – Art Studio Grant, The Banff Centre, Banff, Canadá (1993). The Pollock-Krasner Foundation Grant, New York, EUA (1993). The John Simon Guggenheim Foundation Fellowship (1990-1991). APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte): Melhor Instalação 1987, São Paulo, Brasil (1988). Prêmio Lei Sarney à Cultura Brasileira (Gravura), Brasília/São Paulo (1988). Bolsa de Pesquisa, CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa) (1985/1987, 1987/1989). Menção Especial, 6ª Bienal del Grabado Latinoamericano, San Juan, Porto Rico (1983).

Desde 1964 a artista exerce atividade docente universitária, atualmente ensinando na Escola de Comunicação e Artes da USP, São Paulo. Seu trabalho plástico já foi objeto de referência ou estudo em inúmeras publicações nacionais e estrangeiras.



“REUNIÃO” – série “DILATÁVEIS” – 1994  
serigrafia e pintura sobre lona

#### OBRAS EXPOSTAS:

“AUDITORIUM II” – instalação – 1991  
“MEETING (ENCUENTRO)” – outdoor – 1991  
“GRAFOS 2” – 1994  
DESENHOS PREPARATÓRIOS

#### O OLHAR ASSIMÉTRICO

Definir **Auditorium** uma instalação “transparente” poderá parecer um contra-senso à primeira vista, pois não há aparentemente nada de impalpável e imaterial na estruturada seqüência de poltronas a que faz referência a literalidade do título. “Transparente”, porém, não é assumido aqui como sinônimo de translúcido e sim em seu sentido figurado, como qualidade inerente a uma operação mental que faz vir à tona uma significação oculta e, no entanto, clara.

Juntar numa mesma significação “oculto” e “claro” não é um mero jogo de palavras. **Auditorium**, com sua discussão complexa da questão da representação perspética, refere-se de imediato a dois sistemas diferentes de apreensão do espaço – a assimetria do olhar e a simetria do ver. É a simetria do ver, enquanto organização da percepção espacial do espectador a partir de um critério unificador da representação do real, que é colocada em xeque pela operação da artista em prol da assimetria do olhar. Para que isso aconteça é necessário que o espectador se transforme num fruidor ativo. Só seus deslocamentos no espaço proposto pela geometria **sui generis** de Regina Silveira permitem perspectivar e desperspectivar a malha ortogonal subjacente à imagem de partida – uma fotografia –, revelando o artifício que rege uma visualidade considerada “natural” por seu domínio secular.

O que Regina Silveira, no entanto, deixa claro, adotando aparentemente a estrutura perspética clássica, é que o lugar do olhar não é aquele ponto fixo postulado pelos teóricos do Renascimento. O lugar, para ela, resulta de um jogo dinâmico e interativo. A possibilidade de empreender uma viagem espacial, de estruturar um percurso capaz de revelar o dentro e o fora, o verso e o reverso da imagem constitui a base de uma visualidade peculiar, na qual o **antes** (o sistema) é revelado pelo **depois** (a imagem), numa operação desconstrutora das significações e das percepções tradicionais.

Nessa operação eminentemente metalingüística, Regina Silveira, que partiu de uma imagem de segundo grau, não atinge simplesmente a dimensão do simulacro. Sua proposta parece apontar para além da imagem de terceiro grau: não se trata mais de pensar a arte como lugar da imitação de um referente exterior a ela, mas como lugar privilegiado da simulação da própria história, dos próprios estilemas, do próprio repertório. Citação *en abîme*, paródia, ironia entrecruzam-se nesse jogo de ocultação e clarificação, no qual a imagem se explicita por fim como intenção: o tempo e o espaço são colocados em crise para serem reassumidos na representação emblemática de uma indeterminação, que não é apenas aquela do olhar, mas de todo um sistema à deriva e, portanto, parcial, fragmentário e assimétrico.

Annateresa Fabris

# MARGS

Local: Pinacoteca

Abertura: 28 de abril de 1995, às 19 h

Período da exposição: de 29 de abril a 21 de maio de 1995

Visitação: de terças a domingos das 10h às 17h

Museu de Arte do Rio Grande do Sul

Praça da Alfândega, s/nº – Porto Alegre – RS

Apoio: AAMARGS – Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ANTONIO BRITTO

Governador do Estado do Rio Grande do Sul

CARLOS JORGE APPEL

Secretário de Estado da Cultura

ROMANITA DISCONZI

Diretora do Museu de Arte do Rio Grande do Sul